

DULLEY, Iracema. 2010. Deus é feiticeiro - prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial. São Paulo: Annablume. 156p.

*Patricia Teixeira Santos
UNIFESP/CEAUP*

A obra aqui resenhada é resultante do mestrado defendido no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz, que redigiu também a apresentação na capa do presente livro. O instigante trabalho de Iracema Dulley, atualmente doutoranda do programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, convida-nos a compreender a experiência missionária dos Padres Espiritanos na evangelização dos Ovibundos sob o signo da tradução das categorias e dos conceitos cristãos europeus e africanos. Trata-se da criação de um código de comunicação comum, cujo objetivo mais marcante era o da construção da interação entre os agentes envolvidos no processo de catequização/civilização. No entanto, a autora destaca que cada uma das partes apreendia e vivenciava de forma distinta o que a experiência da interação representava para si. O objetivo de se construir esta comunicação, que tornou possível a permanência missionária entre os Ovibundos, efetivou-se com a constituição do corpo dos 'catequistas 'indígenas''.

O trabalho, além de ter um mérito inovador no do estudo da criação de uma língua escrita dos Ovibundos, que nasce sob o signo colonial da interação dos missionários com os catequizandos, traz para os estudos africanos no Brasil uma metodologia que nos convida ao desafio de propor a análise dos escritos missionários sob uma nova luz, aquela da "busca da fala do africano nas entrelinhas do discurso". A riqueza do trabalho de Dulley é de mostrar que nos relatos missionários sobre os Ovibundos e no registro escrito da língua, cria-se um código que é, na verdade, uma língua ovibunda escrita que acaba por influenciar a oralidade e que se estrutura e se fortalece na relação da mediação com os missionários.

Com isso, a partir das considerações de Dulley, é possível refletir, do ponto de vista metodológico, sobre a seguinte questão: existe um mundo essencialmente 'indígena' e o mesmo pode ser apreendido nas entrelinhas da escrita missionária, do não dito? Ou existe a experiência dos africanos na interação com os agentes

mediadores da experiência colonial e, com isso, missionários e povos africanos, são todos eles, nativos, na medida em que estão inseridos numa experiência histórica mais ampla de relação espaço/tempo, que se estabelece no século XIX, que é o colonialismo na África?

Quando os Espiritanos traduzem Deus como Suku (feiticeiro), de acordo com Dulley, a busca do sentido é pela centralidade do conceito de onipresença e onisciência. Isto torna o incompreensível possível de ser vivenciado na esfera da interação missionários/‘indígenas’, e preserva os primeiros de qualquer heresia conceitual por terem feito uma aproximação tão singular entre a divindade e o mundo mágico ritual não monoteísta dos Ovibundos.

A partir da intrigante observação da tradução de Deus como Feiticeiro, realizada pelos missionários Espiritanos e presente nos relatos dos padres Missionários Carlos Estermann e José Valente, a obra de Dulley apresenta uma estrutura de cinco capítulos. Estes são antecedidos pelo prefácio da Profa Paula Montero, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, que destaca o mérito da autora em relação à discussão do que é a tradução na ação evangelizadora e à construção do código de comunicação dos mesmos com os povos que se destinavam a converter. Montero destaca assim a importância do estudo antropológico da mediação missionária.

O primeiro capítulo é centrado nas discussões metodológicas e teóricas sobre os sistemas de tradução e convenção utilizados pelos Espiritanos, onde os objetivos da evangelização, a trajetória institucional da congregação e o novo contexto missionário católico do século XIX levou a uma construção metodológica da busca da ‘essência dos povos’ através do investimento do conhecimento da ‘língua dos nativos’.

A construção das categorias missionárias nascidas na mediação e interação com os ‘nativos’, é caracterizada no segundo capítulo, onde a autora apresenta e contextualiza as categorias discursivas de classificação dos Ovibundos, passando pela relação entre os Espiritanos e a administração colonial portuguesa em Angola. A Educação dos ‘indígenas’ no planalto central angolano foi confiada aos Espiritanos nos anos 30, e o ensino missionário tem um papel importantes nos processos coloniais de ‘assimilação dos nativos’ para a categoria de ‘civilizado’.

No processo evangelizador/educacional/civilizatório, as hierarquizações raciais atravessavam tanto os missionários quanto os seus catecúmenos. Havia uma hierarquia entre padres Espiritanos brancos, de ‘origem indígena’, e catequistas ‘indígenas’. Estes últimos, apesar de serem considerados a base do sistema de evangelização, não gozavam do mesmo reconhecimento e não eram vistos do mesmo modo na hierarquia do trabalho missionário por também não serem brancos. No entanto, a atuação e mediação dos catequistas ‘indígenas’ foram fundamentais para que se estabelecesse, no espaço da interação, qual era o código de comunicação entre os próprios missionários atuantes no local e os Ovibundos.

No capítulo 3, a autora aprofunda o estudo das interações e trajetórias que marcaram a construção do cotidiano das missões. Com isso, foca-se nos percursos dos agentes e na história das aldeias missionárias. É feita a análise das condições materiais e da arquitetura das missões, bem como dos atendimentos que a mesma realizava, como o serviço médico e o desenvolvimento das escolas técnicas. Enfatiza-se a importância do papel dos catequistas ‘indígenas’ no gerenciamento do cotidiano das atividades assistenciais, econômicas e de cuidado da vida comunitária, feita por eles, mas sob a supervisão dos missionários brancos Espiritanos.

Nesta parte, a autora evidencia a construção de categorias de classificação e de hierarquias de papéis, além da compreensão do que seria o ‘mundo nativo a ser civilizado’. Apresenta e contextualiza as trajetórias e os relatos missionários dos Padres Carlos Estermann e José Francisco Valente, destacando as especificidades de cada um no processo da produção de uma escrita sobre a experiência, o caráter e os ritos e costumes dos Ovibundos, que constituíam no olhar fenomenológico missionário aspectos fundamentais para a apreensão da ‘alma nativa’ e os encontros do que é comum entre todas as almas. Para José Francisco Valente, a língua era a entrada para o conhecimento do ‘pensamento indígena’. Para Carlos Estermann, buscava-se através da língua e do ritual, o encontro do ‘traço psicológico’ primordial dos Ovibundos.

Na descrição da ação dos catequistas, o afeto e a deferência que os catecúmenos tinham com o catequista ‘mais velho’ foram fundamentais para a construção da relação e da interação dentro do espaço das missões.

Uma observação rica de possibilidades de análise aparece quando a autora apresenta a possibilidade que os Ovibundos davam aos missionários de participar no universo ritual que lhes era próprio, na qualidade de ‘amigos dos ‘indígenas’’. Esse aspecto revela os limites e também possibilidades diferenciadas para a forma como os missionários e sua presença poderiam ser absorvidos e reelaborados na experiência local.

No capítulo 04, a autora propõe-se a analisar o código de comunicação estabelecido entre os missionários e os Ovibundos, através dos relatos realizados pelos Espiritanos. A partir de uma qualificada discussão teórico-conceitual, Dulley apresenta a noção de mentalidade como chave de leitura para se fazer o mergulho nos relatos de Estermann e Valente, na medida também em que esta faz parte do próprio ‘discurso nativo do missionário’.

A autora destaca ao longo de toda a obra a exegese missionária na busca do que é o similar para tornar homogêneo o mundo a ser evangelizado. Com isso, faz a distinção entre esses autores e o etnógrafo Lévy Bruhl, contemporâneo em escrita dos missionários que, na sua proposição sobre a ‘mentalidade primitiva’, buscava a singularidade e a particularidade da diversidade étnica dos povos não europeus.

Discorrendo sobre o conceito de cultura como grade leitura para a análise das obras de Valente e Estermann, a autora consegue vencer um importante desafio histórico: abordar um período tão abrangente da presença espiritana no Planalto Central angolano (final do século XIX até o fim dos anos 60) sem incorrer em anacronismos. Os relatos de Valente, mesmo sendo posteriores aos anos 60, foram analisados na perspectiva da sincronia e da diacronia da dinâmica lingüística e missionária. Este capítulo, do ponto de vista teórico e metodológico, é de grande riqueza no que concerne ao trato das fontes/relatos. O longo período da historia missionária abordada é um fator que agrega qualidade e sentido à interpretação de Dulley acerca das análises dos padres sobre a dinâmica social e a catequização dos Ovibundos. Isto pode ser percebido, de forma especial, no ítem em que a autora discorre sobre a caracterização do ‘matrimônio tribal’ em Valente.

No quinto capítulo, a autora desenvolve o estudo do processo da apreensão das convenções de significação, através das traduções realizadas pelos missionários. Para Padre Valente, os provérbios eram a porta de entrada para a mentalidade indígena. Com isso, estabelece-se uma aproximação entre o sentido que Valente apreendeu da língua portuguesa para o significado e sentido das sentenças proverbiais e os momentos de *olsapo*, onde os

Ovibundos encontravam-se para falar entre si e fazer desafios verbais. Pontuando a aproximação de sentidos a partir da centralidade da experiência da palavra, Valente realizou a ação de igualar a atividade proverbial com a ação dos momentos de conversa entre os Ovibundos, baseado na sua visão fenomenológica de que a ‘essência dos Bundos’ era religiosa. Com esse movimento, ele buscou, de acordo com a autora, produzir a semelhança na prática da evangelização.

A forma de verificação do sucesso do exercício da tradução era hábito dos evangelizados: quanto mais ‘cristão’, mais eficaz. A partir dessa constatação, ousou-se para a aproximação entre a idéia cristã de Deus e de Suku onganga, baseada na centralidade da onipotência e da onisciência da atividade mágica. Transformou-se assim uma possível heresia numa categoria única de interação, que tornou possível traduzir a divindade cristã para um léxico onde essa idéia inicialmente não possuía nenhum equivalente.

Na conclusão, Dulley retoma os objetivos da dissertação e o esforço missionário de encontrar o ‘mesmo’ e o ‘semelhante’ no exercício da tradução.

Percorrendo os capítulos e acompanhando o exercício analítico de Dulley, questões importantes sobre a análise das fontes que se referem à interação dos povos africanos com instâncias coloniais como a atividade missionária católica trazem o desafio, já anunciado anteriormente, da percepção da construção dos processos históricos em perspectiva dialógica, onde os agentes existem na relação.

O fato de possuírem entendimentos distintos sobre a interação desenvolvida é um qualificador dos relatos utilizados para a análise, na medida em que as transformações e as dinâmicas sociais se produzem nos espaços de encontro, conflitos e acomodações. Com isso, a análise textual da produção missionária abre a possibilidade de se perceber uma dinâmica em que todos são parte de um mesmo processo histórico e político de interação. Convidando-nos assim a rever uma chave de leitura ainda muito em voga, a da busca ‘do africano em sua essência’ no não dito, e não na análise subliminar da textualidade das obras missionárias. O texto em si, a autoria e sua condição e a interação que estabelece com o ‘outro’ sofrem necessariamente transformações sob a intervenção da ‘outra parte envolvida’, e tal relação de interdependência nos possibilita obter uma visão mais dinâmica e complexa da história das sociedades africanas. Esta perspectiva inovadora que questiona a ‘busca da tentação do que é original, único e autenticamente africano’, como se isso fosse possível de ser encontrado nesse conjunto de fontes ou em qualquer outra.

Patricia Teixeira Santos é professora adjunta de História da África do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo e Investigadora colaboradora do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto